

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O PAPEL MEDIADOR DO *COPING* NA
RELAÇÃO ENTRE O AMBIENTE FAMILIAR E A
SATISFAÇÃO COM A VIDA NOS ADOLESCENTES**

Andreia Cristina Lopes Catarino

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica
Sistémica)**

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O PAPEL MEDIADOR DO *COPING* NA
RELAÇÃO ENTRE O AMBIENTE FAMILIAR E A
SATISFAÇÃO COM A VIDA NOS ADOLESCENTES**

Andreia Cristina Lopes Catarino

Dissertação orientada pela Professora Doutora Marta Pedro

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica
Sistémica)**

2013

Resumo

O presente estudo teve como objetivo contribuir para a compreensão de como o ambiente familiar influencia a satisfação com a vida dos adolescentes. Especificamente, esta investigação analisou a relação entre as percepções dos adolescentes acerca do ambiente familiar – coesão, conflito e expressividade familiar – e a sua satisfação com a vida, através do papel mediador das estratégias de *coping* dos jovens. Pretendeu-se ainda investigar se as referidas associações entre as variáveis em estudo diferiam de acordo com o sexo e o nível de escolaridade dos adolescentes.

A amostra foi constituída por 328 estudantes do ensino secundário, com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos, de escolas da região da Grande Lisboa. Os participantes preencheram questionários de auto-relato que avaliaram as suas percepções acerca do ambiente familiar, das suas estratégias de *coping* e da satisfação com a vida, juntamente com um questionário sociodemográfico.

Os resultados mostraram que quanto maior a expressividade familiar maior será a satisfação com a vida. Em contrapartida, quanto maior o conflito familiar menor será a satisfação com a vida. Uma maior coesão familiar levará à utilização de estratégias de *coping* adaptativas por parte do adolescente que por sua vez trará ao adolescente maiores níveis de satisfação com a sua vida. Não foram encontradas diferenças nos resultados ao nível do sexo do adolescente. Verificou-se ainda que o nível de escolaridade do adolescente moderava o padrão de associações entre as variáveis em estudo. Por fim, são apresentadas as limitações do estudo, bem como sugestões para investigações futuras.

O presente estudo salienta, assim, a importância de se investigar o contributo específico de diferentes dimensões familiares para a satisfação com a vida dos adolescentes, directa e indirectamente, através das estratégias de *coping* usadas pelos jovens.

Palavras-chave: ambiente familiar, *coping*, satisfação com a vida, adolescência.

Abstract

The present study had the purpose of contributing for the understanding of how the familiar environment influences life satisfaction of teenagers. Specifically, this investigation has analyzed the relation between teenagers' perception of the familiar environment – cohesion, conflict and familiar expressivity – and their satisfaction with life, through the moderating role of young people's coping strategies. It was also intended to investigate if the mentioned combinations between variables in study would differ, according to age and scholarity level of the teenagers.

The sample was constituted by 328 students of high school, with ages between 14 and 20 years old, in schools of the Lisbon area. Participants filled self-report questionnaires that evaluated their perceptions about the familiar environment, their coping strategies and their satisfaction with life, together with a social-demographic questionnaire.

The results showed that the higher the familiar expressivity is the greater satisfaction with life they have. On the other hand, the higher the conflict smaller will be life satisfaction. A larger familiar cohesion will lead to the use of adaptive coping strategies by teenagers, which will bring the teenager higher levels of life satisfaction. Differences were not found in the results at gender. It was also shown that the scholarity level of the teenagers would moderate the pattern of combinations between variables in study. Finally, the limitations of the study are presented, as well as suggestions for further investigations.

The present study thus highlights the importance of investigating the specific contribute of different familiar dimensions to teenagers' satisfaction with life, directly and indirectly, through coping strategies used by young.

Keywords: family environment, coping, satisfaction with life, adolescence.

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Marta Pedro, pelas inúmeras orientações e sugestões, pela enorme disponibilidade, e por querer sempre o melhor.

À Tânia e à Vanessa, colegas e amigas, com quem partilhei conquistas, dúvidas e angústias, por todos os momentos que dividimos ao longo deste caminho, pelo apoio e pela amizade.

Aos meus amigos, principalmente às minhas colegas de casa, por todo o apoio que me deram, pela força e por acreditarem em mim.

Aos meus pais, irmã e restantes familiares. Aos meus pais por terem permitido que chegasse até aqui, por todos os esforços que fazem por mim e por não me deixarem desistir.

Índice

Introdução.....	1
Método.....	8
Resultados.....	11
Discussão.....	15
Bibliografia.....	21

Introdução

A presente investigação enquadra-se num projeto conjunto entre a Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL) e a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCE-UC), com o objectivo geral de compreender a forma como os jovens portugueses se relacionam com os seus diferentes contextos de vida e identificar fatores que possam contribuir para a sua saúde e bem-estar dos jovens portugueses. A presente investigação corresponde, pois, a um estudo quantitativo, correlacional e transversal.

Apesar de a literatura indicar que o ambiente familiar exerce determinada influência sobre a satisfação com a vida (Shek, 1997; Hamama & Arazi, 2011; Povedano et al., 2011), pouco se sabe sobre as variáveis que podem mediar esta relação. Mais especificamente, nenhum estudo foi realizado testando o efeito mediador do *coping* na relação entre as dimensões do ambiente familiar e o nível de satisfação com a vida do adolescente. Assim a presente investigação pretende eliminar esta lacuna da literatura, investigando o papel mediador do *coping*. De forma mais específica, a presente investigação pretende mostrar de que forma os diferentes tipos de estratégias de *coping* utilizadas pelo adolescente podem mediar a relação entre as dimensões do ambiente familiar, coesão, conflito e expressividade, com a forma como o adolescente percebe a satisfação que tem relativa à sua vida.

Assim, espera-se que este estudo possa contribuir de alguma forma para a literatura já existente acerca da relação entre o ambiente familiar e a satisfação com a vida, e que possa acrescentar nova informação no que diz respeito ao papel mediador do *coping* nessa mesma relação, na população dos adolescentes portugueses.

De seguida apresenta-se a tese no formato de artigo científico, tal como será submetido para publicação num periódico com arbitragem científica.

O papel mediador do *coping* na relação entre o ambiente familiar e a satisfação com a vida nos adolescentes

A satisfação com a vida tem sido associada a vários aspetos relacionados com o bem-estar e ajustamento socio-emocional, em várias faixas etárias. Por exemplo, maior auto-domínio em adultos (Rosenfield, 1992), maior auto-eficácia em crianças (Suldo & Huebner, 2006), apoio social percebido (Gilman & Huebner, 2006), relações de interação positivas (Gilman & Huebner, 2006), e estratégias de *coping* mais adaptativas em adolescentes (Deniz & Isik, 2010). Contudo, apesar das evidências empíricas demonstrarem que a satisfação com a vida constitui um indicador importante de adaptação na adolescência (Cenkseven-Onder, 2012), a maioria dos estudos tem-se focado em indicadores negativos de saúde mental, tendo sido dada menos atenção aos indicadores positivos relevantes para o funcionamento saudável do adolescente, como é o caso da satisfação com a vida (Suldo, Shaunessy, & Hardesty, 2008). Neste sentido, a vida familiar dos adolescentes tem sido apontada como um dos fatores psicossociais mais importantes para a sua satisfação com a vida (Cenkseven-Onder, 2012). Apesar da existência de evidências empíricas que mostram a associação da satisfação com a vida com as estratégias de *coping* usadas pelos jovens (Deniz & Isik, 2010), o papel mediador que o *coping* poderá desempenhar na relação entre diferentes fatores familiares e a satisfação com a vida na adolescência permanece igualmente por examinar.

A satisfação com a vida é considerada um componente do conceito de bem-estar subjectivo (Diener, Suh, Lucas, & Smith, 1999) e constitui um julgamento cognitivo da vida consciente, em que os critérios de julgamento estão disponíveis para a pessoa (Pavot & Diener, 1993). Shin e Johnson (1978) definiram satisfação com a vida como uma avaliação global da qualidade de vida de um indivíduo de acordo com os critérios por ele escolhidos. Os juízos acerca de como os indivíduos estão satisfeitos basear-se-iam numa comparação com um padrão que cada sujeito estabelece para si próprio. Diener (1984) defendeu que a avaliação adequada da satisfação com a vida devia passar por pedir aos indivíduos para avaliarem a sua satisfação com a vida como um todo, em vez de somar as áreas específicas da sua satisfação, para obter uma medida da satisfação da vida global.

A perspectiva sistémica da família postula que cada membro individual está inserido no contexto alargado do sistema familiar e, como tal, só pode ser inteiramente compreendido em relação ao contexto desse sistema familiar (Bertalanffy, 1968). Por sua vez, o modelo ecológico pressupõe que o desenvolvimento humano decorre em função de um processo de interação constante entre o indivíduo e o contexto em que este se insere

(1979). Adotando estas duas conceptualizações teóricas, o presente trabalho pretende contribuir para uma maior compreensão das dinâmicas inerentes à interação entre o ambiente familiar e a satisfação com a vida do adolescente, explorando o papel mediador das estratégias de *coping*.

Ambiente familiar e satisfação com a vida

Nas últimas três décadas, o interesse científico tem-se centrado nos mecanismos psicológico e nos correlatos de felicidade, ou seja, no bem-estar subjetivo dentro de grupos específicos e a nível individual (Lu e Shih, 1997). A investigação nesta área encontra-se particularmente interessada na forma como as pessoas vivenciam as suas vidas de forma positiva (DeNeve e Cooper, 1998). O conceito de bem-estar subjetivo inclui duas componentes distintas: por um lado, julgamentos cognitivos de satisfação com a vida e, por outro, as avaliações afetivas sobre o humor e as emoções (Diener et al., 1999). Portanto, a satisfação com a vida é um julgamento cognitivo da vida consciente, em que os critérios de julgamento estão disponíveis para a pessoa (Pavot & Diener, 1993).

Moos e Moos (1986) definem o ambiente familiar como a percepção que cada membro possui da sua família, ou seja, o clima sociofamiliar decorrente dos relacionamentos, crescimento pessoal, organização e controlo do sistema familiar, o qual influencia os membros da família e o seu processo de adaptação às situações. De uma maneira geral, a investigação indica que diferentes factores do ambiente familiar influenciam a satisfação que os adolescentes relatam da sua vida (e.g., Shek, 2002). Por exemplo, num estudo realizado com adolescentes entre os 12 e 16 anos, Shek (1997) verificou que quanto maior era o nível de conflitos entre os adolescentes e os pais, menor era a satisfação com a vida reportada pelos jovens. Outros autores mostraram que quando as crianças com idades entre os 9 e os 13 anos acreditam que a atmosfera em casa é menos coesa reportam menor satisfação com a vida (Hamama & Arazi, 2011). Por outro lado, Huebner e Dew (1994) mostraram que a qualidade das relações dos pais com os adolescentes estava associada a uma maior satisfação com a vida. Estudos mais recentes têm também ido de encontro com estas evidências. Povedano e colaboradores (2011) mostraram a existência de uma relação positiva e significativa entre o clima familiar percebido pelos adolescentes e a sua satisfação com a vida. Estes autores sugeriram que a percepção do adolescente de um clima familiar positivo, que fomente a coesão, o apoio, a confiança e a intimidade entre os membros da família, favorecendo dinâmicas de comunicação familiar aberta e empática, potencia a satisfação com a vida (Povedano et al., 2011). De igual modo, Ben-Zur (2003) num estudo realizado com estudantes universitários

mostrou que um ambiente familiar positivo contribui diretamente para o bem-estar subjetivo, contentamento e satisfação global com a vida dos adolescentes.

O *coping* como mediador da relação entre ambiente familiar e satisfação com a vida

O modelo transacional de *coping* (Lazarus & Folkman, 1984) diferencia entre duas principais estratégias de *coping*, adaptativas e desadaptativas. Através destes dois mecanismos o indivíduo apresenta certos comportamentos que são pensados para moderar o efeito dos estímulos stressantes. As estratégias de *coping* adaptativas envolvem a definição da situação stressante, busca ativa de apoio, reflexão sobre possíveis soluções, e tomada de decisão para resolver a situação. Tais ações resolvem a situação stressante e resultam num ajustamento psicológico e emocional positivo. Por outro lado, as estratégias de *coping* desadaptativas incluem os esforços para fugir da situação stressante ou evitar a busca de soluções, o que pode resultar numa falha na resolução da situação stressante e pode gerar ansiedade.

Ao nível da investigação, diferentes estudos têm demonstrado a influência de fatores familiares nas estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes. Por exemplo, Moos e Moos (1986) observaram que os adolescentes desenvolvem melhor as competências de *coping* quando percebem as suas famílias como coesas, expressivas e organizadas. Por outro lado, quando os adolescentes percecionam as suas famílias como tendo um elevado grau de conflito e sendo altamente controladoras, tal parece impedir o uso de estratégias de *coping* adequadas (Burt, Cohen, & Björck, 1988). Stern e Zevon (1990) demonstraram que a qualidade e a constituição do clima familiar estão fortemente associadas com o tipo de estratégias de *coping* eleitas pelo adolescente. Por exemplo, as estratégias de *coping* desadaptativas são usadas em ambientes familiares marcados por níveis elevados de conflito e controlo, e níveis baixos de coesão e suporte, enquanto as estratégias de *coping* adaptativas são usadas em ambientes familiares coesos e apoiantes, caracterizados por níveis baixos de conflito e controlo. Do mesmo modo, um estudo mais recente constatou que adolescentes pertencentes a famílias pautadas por baixa coesão, alto conflito, baixa expressividade e baixa organização familiar, revelavam maior tendência para utilizar mecanismos de *coping* disfuncionais (Lohman & Jarvis, 2000). Seiffge-Krenke (1995) constatou que os adolescentes de famílias orientadas para o conflito apresentam um baixo nível de *coping* ativo e um alto nível de fuga. Griffith, Dubow, e Ippolito (2000) concluíram que um clima familiar marcado pelo conflito não serve como

modelo para a utilização de um *coping* funcional e pode interferir com a capacidade dos adolescentes para lidarem com o mundo externo, enquanto que a coesão familiar parece ser precursora de estratégias de *coping* adaptativas em adolescentes.

Outra questão importante referida na literatura de estudos que relacionam o ambiente familiar com as estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes corresponde à existência de diferenças de sexo ao nível do *coping*. Vários estudos (Patterson & McCubbin, 1987; Peterson, Seligman & Vaillant 1988; Phelps & Jarvis, 1994) reportaram que as raparigas têm uma maior tendência para utilizar estratégias de *coping* de confronto, enquanto os rapazes apresentam maior probabilidade de usar estratégias de *coping* de evitamento. Por outro lado, alguns investigadores têm sugerido que as mulheres, mais do que os homens, apresentam maior probabilidade de resolver problemas através da interação com os outros do que a preveni-los (e.g., Patterson & McCubbin, 1987). Assim, evidências empíricas sugerem que o sexo tem um efeito significativo sobre as estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes, sendo sugerido, em particular, que as raparigas são socialmente mais orientadas para o apoio social, enquanto os rapazes parecem tender a evitar o problema (Copeland & Hess, 1995; Patterson & McCubbin, 1987; Bird & Harris, 1990).

Importa ainda referir que diversos estudos têm também mostrado que as estratégias de *coping* saudáveis estão relacionadas com o bem-estar em geral e com a satisfação com a vida em particular (Carver & Connor-Smith, 2010; MacCann, et al., 2011; Matheny Roque-Tovar & Curlette, 2008; Welbourne, Eggerth, Hartley). Mais concretamente, adultos com uma abordagem reflexiva de *coping* (o estilo reflexivo é uma tendência para examinar as relações causais, planear e ser sistemático) experimentam uma maior sensação de bem-estar e de satisfação com a vida, quando comparados com indivíduos com estilos de *coping* supressivos e reativos (o estilo supressivo é uma tendência a negar os problemas e a evitar atividades que o confrontem, o estilo reativo é uma tendência a ter fortes respostas emocionais, distorção e confusão cognitiva), ao passo que estilos de *coping* supressivos e reativos parecem estar associados a menor satisfação com a vida (Chang, 2012). Outro estudo demonstrou que existe uma relação positiva entre a satisfação com a vida e o *coping* focado no problema e a procura de apoio social (Deniz, 2006). Por sua vez, Roth e Cohen (1986) defendem que tanto as estratégias centradas na emoção quanto as centradas no problema podem contribuir para o acréscimo ou decréscimo no nível de bem-estar. No entanto, os resultados de Barnes e Lightsey (2005) sugeriram que apenas o *coping* de evitamento parece contribuir para a satisfação com a vida: quanto maior o *coping* de evitamento, menor a satisfação com a vida. A literatura apresenta ainda alguns resultados

inconsistentes. Mais especificamente, alguns investigadores sugerem que as estratégias de *coping* não estão necessariamente associadas ao bem-estar. Lohman e Jarvis (2000), por exemplo, numa investigação realizada com adolescentes, verificaram que o facto dos membros da família terem conhecimento sobre as estratégias de *coping* uns dos outros, bem como compreensão empática, funcionavam como preditores de saúde mais consistentes do que a própria estratégia de *coping* em si.

Contudo, como pode ser constatado pelos estudos acima referidos, a maioria de investigações que examinaram o impacto do *coping* na satisfação com a vida foram realizadas com adultos, pelo que a relação entre o *coping* e a satisfação com a vida na população adolescente permanece ainda por investigar. Por outro lado, apesar dos estudos que demonstram a associação entre o funcionamento e ambiente familiar, e a satisfação com a vida nos adolescentes, poucos estudos têm examinado potenciais mediadores que poderão contribuir para explicar a associação entre factores familiares e a satisfação com a vida dos jovens. Atendendo às evidências acima referidas, demonstrando a associação entre as estratégias de *coping* e diferentes factores do ambiente familiar, por um lado, e a satisfação com a vida, por outro, as estratégias de *coping* dos adolescentes poderão ser um potencial mediador da relação entre o ambiente familiar e a satisfação com a vida dos jovens. O presente estudo pretende, assim, contribuir para colmatar esta lacuna na literatura, investigando o papel mediador das estratégias de *coping* individuais na forma como o ambiente familiar se relaciona com a satisfação com a vida dos adolescentes.

A adolescência é uma fase de desenvolvimento importante, onde ocorrem várias mudanças psicológicas, físicas, biológicas e sociais e psicossociais que perturbam o equilíbrio do sistema familiar e provocam transformações nas relações familiares (Susman, Dorn, & Schiefelbien, 2003). Uma vez que o adolescente tem de enfrentar mudanças em muitas áreas ao mesmo tempo, a ocorrência de *coping* satisfatório poderá tornar-se mais difícil. Simmons et al., (1987), propuseram na sua pesquisa que as transições da vida, durante o início da adolescência prejudicam a capacidade de *coping* do adolescente. Por estas razões, torna-se relevante analisar o padrão de relações entre o ambiente familiar, as estratégias de *coping* e a satisfação com a vida, no período da adolescência.

O presente estudo

Apesar do conjunto significativo de evidências empíricas demonstrando a associação das estratégias de *coping* dos adolescentes com o ambiente familiar e com a satisfação com a vida, nenhum estudo até à data investigou o papel mediador das estratégias

de *coping* dos adolescentes na relação entre o ambiente familiar e a satisfação com a vida dos jovens. O presente estudo pretende, assim, contribuir para o preenchimento desta lacuna, investigando o papel mediador das estratégias de *coping* dos adolescentes na relação entre três dimensões do ambiente familiar – coesão, expressividade e conflito – e a satisfação com a vida dos adolescentes (Figura 1).

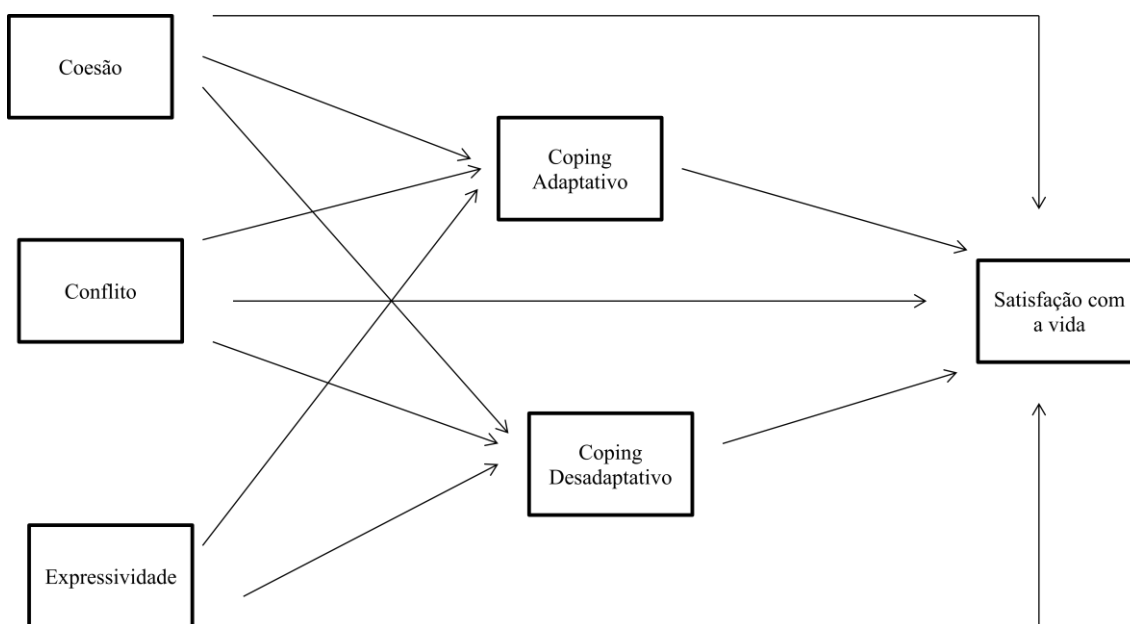


Figura 1. Modelo Conceitual

Considerando a perspectiva sistémica da família e o modelo ecológico de Brofenbrenner (1979), o presente estudo apresenta as seguintes hipóteses:

Hipótese (1) - Espera-se que dimensões positivas do ambiente familiar (coesão e expressividade) irão predizer uma percepção de maior qualidade de vida por parte do adolescente, contrariamente ao conflito familiar, que se espera que irá predizer uma percepção de menor qualidade de vida;

Hipótese (2) - Especula-se que as estratégias de *coping* adaptativas que o adolescente utiliza se encontrem relacionadas como uma maior satisfação com a vida por parte do adolescente, em contrário às estratégias de *coping* desadaptativas que se espera que não sejam indicativas de uma maior satisfação no adolescente;

Hipótese (3) - Pretende-se comprovar que as dimensões positivas do ambiente familiar (coesão e expressividade) irão conduzir à utilização por parte do adolescente de estratégias de *coping* adaptativas, enquanto o conflito familiar levará a que o adolescente

recorra a estratégias de *coping* desadaptativas;

Hipótese (4) - Finalmente, espera-se que as estratégias de *coping* que o adolescente utiliza mediem a relação entre o seu ambiente familiar e o nível de satisfação com a sua vida.

Método

Participantes

A amostra da presente investigação foi constituída por 328 estudantes do ensino secundário, com idades compreendidas entre os 14 anos e os 20 anos ($M = 16.23$ anos; $DP = 1.22$), de escolas da região da Grande Lisboa. De salientar que esta amostra fez parte de uma investigação mais abrangente, acerca da forma como os jovens portugueses se relacionam com os seus diferentes contextos de vida (família, escola, amigos, etc.) e que fatores podem contribuir para a sua saúde e bem-estar. Do número total de estudantes, 51.2% eram do sexo masculino e 48.8% do sexo feminino, sendo que 59.8% do total de sujeitos frequentava o 10º ano, 17.4% frequentava o 11º ano e 22.9% era aluno do 12º de escolaridade. No que se refere à situação familiar, a maioria dos estudantes era proveniente de famílias nucleares intactas (62.3%) embora alguns participantes pertencessem a famílias monoparentais (19.4%) ou reconstruídas (13.6%). Relativamente ao nível socioeconómico (NSE) destes jovens, 16% possuíam um NSE baixo, 42,3% médio e 41,7% médio-alto ou alto.

Procedimento

Os participantes foram recrutados de quatro escolas da zona da Grande Lisboa. Os instrumentos utilizados são parte integrante do protocolo de investigação utilizado na recolha de dados nas escolas, aprovado pela Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação e pela Comissão de Deontologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Após estas aprovações, as escolas foram abordadas através de contacto pessoal e foi feito o pedido de autorização à Direção de cada estabelecimento de ensino. O protocolo foi então aplicado entre os meses de Outubro de 2011 e Fevereiro de 2012, após autorização dos pais (no caso dos estudantes menores de idade e consentimento informado dos alunos. Os participantes preencheram os questionários anonimamente e sem qualquer remuneração. A aplicação do protocolo ocorreu em contexto de sala de aula, com a presença do professor da disciplina e de um dos

investigadores do projeto, que esclareceu dúvidas alusivas a vocabulário e outras. O tempo total de resposta aos questionários que compõem o protocolo rondou os 20 minutos.

Instrumentos

Coping & Resiliência (C&R; *Youth Connectedness Project*, 2006; versão portuguesa de Crespo & Francisco, 2011). O C&R é um questionário que pretende medir as estratégias de *coping* e a resiliência, tendo sido construído por Crespo e Francisco (2011) a partir da compilação de itens que avaliavam estes construtos, utilizados no projeto neozelandês *Youth Connectedness Project* (2006), por sua vez adaptados de escalas sobre *coping* e resiliência já existentes. Esta versão é constituída por 5 itens que medem a resiliência e 15 que medem cinco estratégias de *coping*: Procura de Apoio Social (e.g., “Falo com outras pessoas sobre a forma como me estou a sentir”), Resolução de Problemas (e.g., “Tento mudar a situação para resolver o problema”), Evitamento (e.g., “Evito lidar com os meus problemas”), Externalização (e.g., “Entro em lutas ou discuto com as pessoas) e Ruminação (e.g. “Penso *Porque é que não consigo lidar melhor com as coisas?*”).

Uma vez que a resiliência não foi uma variável considerada na presente investigação, utilizaram-se apenas os 15 itens relativos às estratégias de *coping*. As subescalas referentes a esta variável revelaram uma boa consistência interna: Procura de Apoio Social (3 itens; $\alpha = .76$), Ruminação (3 itens; $\alpha = .74$), Resolução de Problemas (3 itens; $\alpha = .67$), Externalização (3 itens; $\alpha = .69$) e Evitamento (3 itens, $\alpha = .70$).

Family Environment Scale (FES) (Moos & Moos, 1986; versão portuguesa Matos & Fontaine, 1992). A Family Environment Scale (FES) de Moos e Moos (1986) é uma medida de auto-relato sobre as características do ambiente social da família. A Escala do Ambiente Familiar é um questionário constituído por 90 itens de verdadeiro-falso, concebido para medir 10 dimensões consensuais dos ambientes psicossociais das famílias (e.g., “Na minha família nós zangamo-nos muitas vezes.”; “Sentimo-nos muito unidos na família.”; “Em casa podemos falar de tudo o que queremos”).

Na versão portuguesa desta escala, devido às características psicométricas observadas na amostra, apenas foram utilizados 27 itens que compõem três sub-escalas (Coesão, Conflito e Expressividade): a coesão (9 itens) $\alpha = .90$; Conflito (9 itens), $\alpha = .74$; Expressividade (9 itens) $\alpha = .74$.

Satisfação com a vida (Diener et al., 1985; versão portuguesa Neto, 1993). A Escala de Satisfação com a Vida (SWLS) é uma medida de auto-relato constituída por 5 itens, que avalia a satisfação com a vida enquanto processo de juízo cognitivo (e.g., “As minhas condições de vida são excelentes”). É pedido ao sujeitos um juízo global acerca da sua vida para medir o conceito de satisfação com a vida. Em relação ao coeficiente de consistência interna, este foi satisfatório, apresentando um $\alpha = .78$.

Questionário de dados sociodemográficos. Este questionário foi construído no âmbito do estudo onde se enquadra a presente investigação e visa recolher informações de nível sociodemográfico, sendo constituído por questões relativas ao sexo, idade, ano de escolaridade, situação familiar, nível de escolaridade dos pais e profissão dos pais, entre outras.

Análise Estatística

A presente análise de dados foi realizada em quatro etapas. Numa primeira fase, foi realizada a análise descritiva dos dados, e o padrão de associações entre as variáveis foi analisado, através do *software* estatístico SPSS Statistics 19. Em segundo lugar, testou-se o modelo de mediação proposto (Figura 1), utilizando a abordagem de modelos de equações estruturais (SEM), usando o *software* Amos 21 (Byrne, 2009). Para o tratamento dos valores ausentes decidiu-se eliminar todos os sujeitos onde existissem valores omissos (uma percentagem de 18,6 %). Uma vez que a amostra presente era uma grande amostra, e os sujeitos com valores ausentes eram uma sub-amostra onde os valores ausentes se encontravam distribuídos aleatoriamente pelos dados, a exclusão desses sujeitos não interferiu com a amostra total (Tabachnick & Fidell, 2001). O método de *bootstrap* foi usado para testar a hipótese de mediação. Em terceiro lugar, foram ainda testados dois modelos alternativos de forma a excluir a possibilidade de hipóteses alternativas que pudessem explicar a relações entre as variáveis. Por fim, foram analisadas as diferenças de sexo e do nível de escolaridade no modelo proposto. Para esta análise foi utilizada a abordagem de multi-grupos. A invariância métrica entre o grupo do 10º ano e o grupo do 11º e 12º ano foi examinada com recurso à análise multi-grupos. De acordo com as recomendações de Byrne (2010), o modelo tri-factorial de 1ª ordem foi novamente testado em simultâneo para dois grupos: o grupo do 10º ano e o grupo do 11º e 12º ano. Em primeiro lugar, estimou-se um modelo *baseline* para os dois grupos em simultâneo, no qual todos os parâmetros foram livremente estimados. Seguidamente, comparou-se o ajustamento do modelo *baseline* com um modelo com os pesos fatorais de todos os itens

constrangidos à igualdade entre o grupo do 10º ano e o grupo do 11º e 12º ano. A significância estatística da diferença dos dois modelos foi calculada com o teste do χ^2 .

Resultados

As estatísticas descritivas e as intercorrelações são apresentadas na Tabela 1. A tabela mostra que o conflito familiar correlaciona-se com o *coping* desadaptativo. As dimensões positivas do ambiente familiar, expressividade e coesão, correlacionam-se ambas com o *coping* adaptativo, sendo que esta última (coesão) correlaciona-se igualmente com o *coping* desadaptativo. Tanto as estratégias de *coping* adaptativas como as desadaptativas apresentaram correlações significativas com a satisfação com a vida. Por fim, o conflito e a coesão familiares mostram também correlações com a satisfação com a vida.

O ajustamento do modelo foi avaliado com a estatística do qui-quadrado, o Índice Fit comparativo (CFI), o erro quadrático médio de aproximação (RMSEA), e a raiz quadrada da média padronizada residual (SRMR). Um índice RMSEA inferior ou igual a 0,06, SRMR com valores inferiores a 0,08 e um valor CFI maior ou igual a 0,90 indica um bom ajuste do modelo (Hu e Bentler, 1999).

Modelo de Medida

Foram realizadas as análises fatoriais confirmatórias separadas para testar o modelo de medida. Seis variáveis latentes foram especificadas e correlacionadas (coesão, conflito, expressividade, *coping* adaptativo, *coping* desadaptativo e satisfação com a vida). Os resultados mostraram que o modelo possuía um bom ajustamento, χ^2 (138, N = 267) = 257,258, $p < 0,001$, CFI = 0,942, RMSEA = 0,057, SRMR = 0,072. Todos os indicadores manifestos obtiveram cargas significativas nas suas variáveis latentes.

Efeitos diretos

Os resultados mostraram a existência de dois efeitos diretos, entre o ambiente familiar e a satisfação com a vida dos adolescentes, nomeadamente, entre a expressividade e a satisfação com a vida ($\beta = .041$, $p < 0,05$) e entre o conflito e a satisfação com a vida ($\beta = .037$, $p < 0,05$). Não foram encontrados efeitos diretos entre a coesão e a satisfação com a vida ($\beta = .176$, $p > 0,05$).

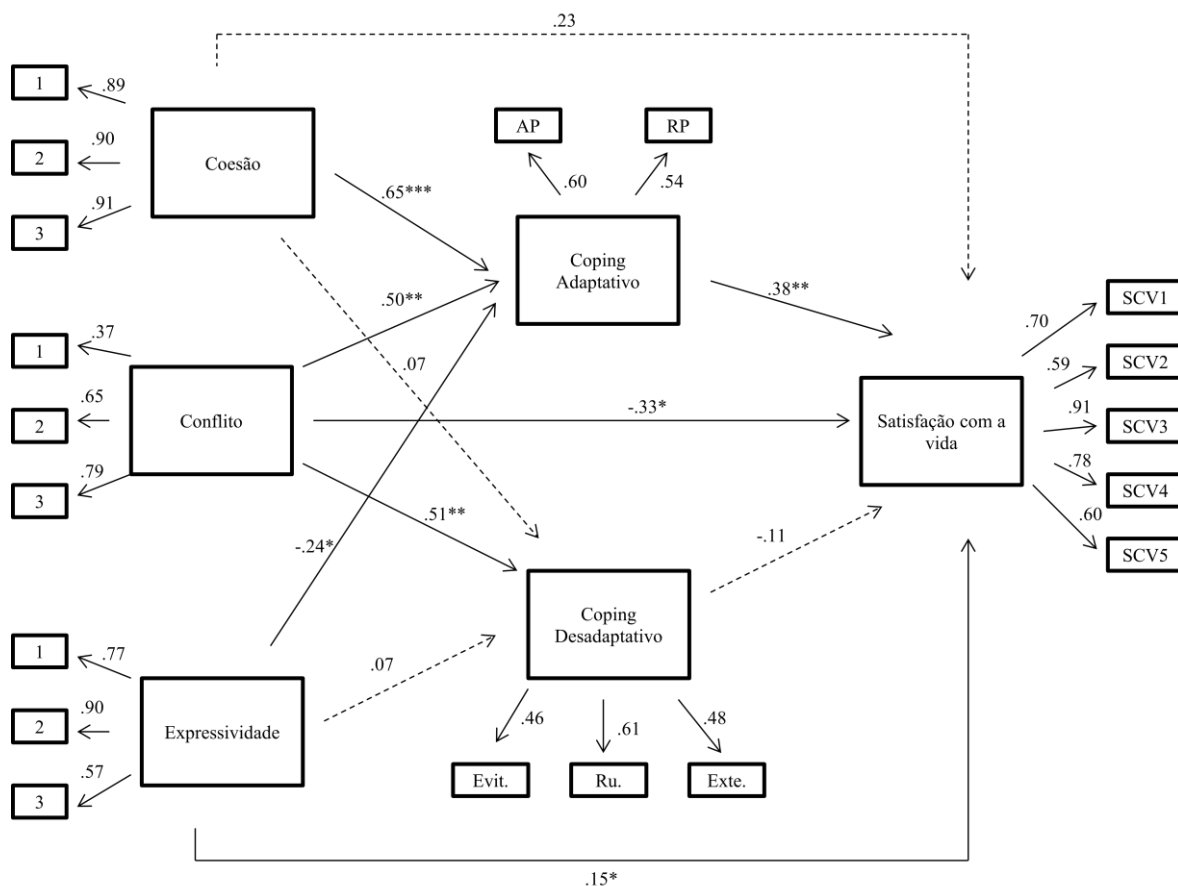


Figura 2. Coeficientes Estandarizados do modelo. AP = Apoio Social; RP = Resolução de Problemas; Evit = Evitamento; Ru = Ruminação; Exte = Externalização; SCV1-SCV5 = itens da Escala de Satisfação com a vida; 1-3 = parcelas da Family Environment Scale. * $p < .05$. ** $p < .01$. *** $p < .001$.

Efeitos indiretos

A nossa hipótese defendia que o *coping* adaptativo e o *coping* desadaptativo iriam mediar a relação entre as variáveis do ambiente familiar e a satisfação com a vida. Os resultados indicaram a existência de efeitos indiretos entre a coesão e a satisfação com a vida ($\beta = .005$, $p < 0,01$), através do *coping* adaptativo. O *coping* adaptativo mostrou não mediar a relação entre a expressividade e a satisfação com a vida ($\beta = .005$, $p = 0,05$), nem entre o conflito e a satisfação com a vida ($\beta = .131$, $p > 0,05$). Não foram encontrados efeitos indiretos através do *coping* desadaptativo.

Modelos alternativos

Foi comparado o ajuste deste modelo com o ajuste de dois modelos alternativos: no modelo 1 o ambiente familiar foi considerado a variável mediadora entre a relação do *coping* com a satisfação com a vida; no modelo 2 o *coping* mediaria a relação entre a satisfação com a vida e o ambiente familiar, sendo que neste modelo a satisfação com a

vida passa a ser a variável independente. Os resultados do modelo alternativo 1 e do modelo alternativo 2 que propusemos mostraram ter um pior ajustamento do que o modelo inicialmente proposto, modelo alternativo 1- $\Delta\chi^2$ (141, N = 267) = 291,270; modelo alternativo 2 - $\Delta\chi^2$ (141, N = 267) = 295,141.

Tabela 1

Intercorrelções entre Conflito, Coesão, Expressividade, *Coping* adaptativo, *Coping* desadaptativo e Satisfação com a vida (N = 267)

Variável	Conflito	Coesão	Expressividade	<i>Copingg</i> Desadaptativo	<i>Copingg</i> Adaptativo	Satisfação com a vida
Conflito	1					
Coesão	-,658**	1				
Expressividade	-,030	,017	1			
<i>Copingg</i> Desadaptativo	,285**	-,247**	,017	1		
<i>Copingg</i> Adaptativo	,008	,175**	-,156*	,092	1	
Satisfação com a vida	-,470**	,555**	,006	-,183**	,282**	1

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

Análises de Moderação

Diferenças de sexo

Testou-se a possibilidade da existência de diferenças de sexo no modelo proposto. Para tal, recorreu-se à análise através dos multi-grupos, tendo-se formado dois grupos: rapazes e raparigas. Realizou o teste do χ^2 entre o modelo livre e o modelo constrangido, o resultado não foi significativo ($\beta = .616$, $p < 0,05$). Este resultado indica-nos que não existem diferenças, entre raparigas e rapazes, na forma como o *coping* medeia a relação entre o ambiente familiar e a satisfação com a vida.

Diferenças ao nível da escolaridade

Posteriormente testou-se a hipótese da existência de diferenças ao nível da escolaridade. Os sujeitos da amostra foram divididos em dois grupos. Os alunos do 10º ano formam um grupo e os do 11º e 12º ano formam outro grupo. Primeiro testou-se o modelo de referência, onde os índices de ajustamento se mostraram ser adequados. Em seguida, o modelo foi totalmente constrangido de forma a ser comparado com o modelo livre. O teste do χ^2 entre o modelo livre e o modelo constrangido deu um resultado significativo ($\beta = .026$, $p < 0,05$), indicando assim haver diferenças entre os dois grupos de nível de escolaridade. Em seguida, foi testado cada um dos caminhos do modelo (Tabela 2), de forma a perceber em qual das relações apresentadas no modelo a diferença na escolaridade é significativa. Constrangeu-se cada um dos caminhos, individualmente, realizando-se o teste do χ^2 entre o modelo com um dos caminhos constrangido e o modelo livre. Apenas dois caminhos foram diferentes nos dois grupos: coesão e *coping* desadaptativo ($\beta = .028$, $p < 0,05$), conflito e o *coping* desadaptativo ($\beta = .001$, $p < 0,01$) (ver tabela 2).

Tabela 2

Índices de ajustamento e Comparação das diferenças ao nível da escolaridade

Caminhos significativos	χ^2	df	CFI	RMSEA	SRMR	$\Delta\chi^2$	Δdf
Modelo livre	440,246	276	.922	.048	.095		
Expressividade – <i>Coping</i> Adaptativo	441,110	277	.922	.048	.095	.864	1
Coesão – <i>Coping</i> Adaptativo	441,815	277	.922	.048	.096	1.569	1
Conflito- <i>Coping</i> Adaptativo	440,245	277	.923	.047	.095	-.001	1
Expressividade – <i>Coping</i> Desadaptativo	440,997	277	.922	.048	.095	.751	1
Coesão – <i>Coping</i> Desadaptativo	445.057	277	.920	.048	.097	4.811*	1
Conflito – <i>Coping</i> Desadaptativo	451.311	277	.917	.049	.098	11.065**	1
Expressividade – SCV	440.964	277	.922	.048	.096	.718	1
Coesão – SCV	440.987	277	.922	.048	.096	.741	1
Conflito – SCV	440.997	277	.922	.048	.096	.751	1
<i>Coping</i> Adaptativo – SCV	440.355	277	.923	.047	.096	.109	1
<i>Coping</i> Desadaptativo -SCV	449.094	277	.918	.049	.097	8.848	1

Nota. SCV = Satisfação com a Vida; CFI = Comparative Fit Index; RMSEA = root mean square error of approximation; SRMR = standardized root mean square residual. * $p < .05$. ** $p < .01$.

Os resultados mostram ainda que existe uma relação significativa entre o *coping* adaptativo e a satisfação com a vida ($\beta = ,002$, $p < 0,01$), pelo contrário o *coping* desadaptativo não apresentou correlações com a satisfação com a vida ($\beta = ,200$, $p < 0,05$). Dentro das variáveis do ambiente familiar, o conflito foi o único que apresentou correlação com o *coping* desadaptativo ($\beta = ,003$, $p < 0,01$); a coesão ($\beta = ,653$, $p < 0,05$) e a expressividade ($\beta = ,482$, $p < 0,05$) não mostram relação com o *coping* desadaptativo. Os resultados apontam para o facto de todas as variáveis do ambiente familiar se correlacionarem com o *coping* adaptativo. A coesão ($\beta = ,000$, $p < 0,001$) apresentou uma relação mais forte com o *coping* adaptativo em comparação com as duas outras variáveis, conflito ($\beta = ,004$, $p < 0,01$) e expressividade ($\beta = ,030$, $p < 0,05$).

Discussão

O presente trabalho pretende contribuir para aumentar a investigação já realizada anteriormente sobre a relação entre várias medidas do funcionamento familiar e a satisfação com a vida, em particular no adolescente. Este estudo destaca a relação entre três dimensões do ambiente familiar – coesão, expressividade e conflito – e a satisfação com a vida nos adolescentes. Para além desta relação, o presente estudo pretendia testar o efeito mediador das estratégias de *coping* entre o ambiente familiar e a satisfação com a vida. O papel do sexo e do nível de escolaridade foi ainda investigado, de forma a perceber se existiam diferenças entre rapazes e raparigas no modelo proposto, e ao nível da escolaridade (10^a ano, e 11^o e 12^o anos).

A primeira hipótese da presente investigação prendia-se com o facto de verificar a existência de uma relação entre o ambiente familiar e a satisfação com a vida. Ou seja, esperava-se que os resultados do presente estudo mostrassem que um ambiente familiar positivo, com altos níveis de coesão e expressividade, predissessem maiores níveis de satisfação com a vida nos adolescentes. Os resultados mostram que existe uma relação direta entre o conflito e a expressividade familiares e a satisfação com a vida, ou seja, o grau de conflito e expressividade que o adolescente experimenta no seio da sua família vão exercer influência na sua satisfação com a vida. Os resultados indicam que quanto maior for o nível de conflito familiar menor será a satisfação com a vida; por outro lado, quanto maior for a expressividade percebida pelo adolescente no seu ambiente familiar mais satisfeito se sentirá em relação à sua vida. Estes resultados vão de encontro com a literatura existente sobre essa temática. Por exemplo, Shek (1997) num estudo realizado com adolescentes entre os 12 e 16 anos, verificou que quanto maior era o nível de conflitos entre os adolescentes e os pais, menor era a satisfação com a vida reportada pelos jovens.

Por sua vez, Hamama e Arazi (2011) mostraram que quando jovens entre os 9 e os 13 anos acreditam que a atmosfera em casa é menos coesa reportam menor satisfação com a vida.

A segunda hipótese apresentada foi igualmente confirmada pelos resultados. Esperava-se que o tipo de estratégias de *coping* utilizadas pelo adolescente tivesse um diferente efeito na satisfação que estes sentiriam acerca da sua vida. Desta forma, os resultados mostram que adolescentes que utilizem estratégias de *coping* adaptativas (apoio social e resolução de problemas) apresentar-se-ão mais satisfeitos com a sua vida. Em contrapartida, adolescentes que recorram a estratégias de *coping* desadaptativas (evitamento, ruminação e externalização) serão menos satisfeitos com as suas vidas. Estes resultados confirmam o que já tinha sido encontrado anteriormente por Welbourne et al. (2007), que indica que o estilo de *coping* tem uma forte associação com a satisfação com a vida e com o bem-estar. Também Deniz (2006) encontrou nos seus estudos que quando o *coping* é utilizado de forma saudável pode aumentar o nível de satisfação com a vida. Vera e colaboradores (2011), concluem que os jovens que participaram na sua pesquisa que usavam estratégias de *coping* de reavaliação positiva e não usavam estratégias de *coping* de fuga e evitamento apresentam níveis mais altos de satisfação com a vida.

Pretendeu-se ainda averiguar a relação entre as dimensões do ambiente familiar com o tipo de estratégias de *coping* utilizadas pelo adolescente. Relativamente a esta hipótese de estudo, os resultados indicam que os adolescentes que estão expostos a um ambiente familiar marcado por altos níveis de conflito tenderão a recorrer à utilização de estratégias de *coping* desadaptativas. Relativamente à utilização de estratégias de *coping* adaptativas por parte do adolescente, os resultados mostram que todas as dimensões do ambiente familiar analisadas, coesão, conflito e expressividade, estão relacionadas com utilização desse tipo de estratégia de *coping*. No entanto, os resultados mostram uma relação mais significativa entre a coesão familiar e as estratégias de *coping* adaptativas. Assim, pode afirmar-se que quanto maior for o nível de coesão familiar maior será a probabilidade do adolescente recorrer a estratégias de *coping* adaptativas. A expressividade foi a única dimensão do ambiente familiar que se relacionou negativamente com as estratégias de *coping* adaptativas, ou seja, quanto maior for a expressividade familiar menos provável será a utilização de estratégias de *coping* por parte do adolescente. O estudo de Lohman e Jarvis (2000) que mostraram que os adolescentes que pertencem a famílias caracterizadas por baixa coesão, alto conflito, baixa expressividade e baixa organização familiar eram mais propensos a utilizar mecanismos de *coping* disfuncionais, vão de encontro ao facto de a coesão se relacionar com as estratégias de *coping* adaptativas. Stern e Zevon (1990) indicaram também que as estratégias de *coping*

desadaptativas são usadas em ambientes familiares marcados por grandes conflitos e controlo, e baixa coesão e suporte, enquanto as estratégias de *coping* adaptativas são usadas em ambientes familiares com níveis altos de coesão e suporte e baixos níveis de conflito e controlo. Esta literatura confirma os resultados encontrados no presente estudo relativamente à relação entre a coesão e o conflito familiar com a utilização de estratégias de *coping* adaptativas. No entanto, os resultados mostram que a expressividade familiar relaciona-se negativamente com a utilização de estratégias de *coping* adaptativas. Estes resultados vão contra a literatura acima referida e contra a hipótese proposta no início da investigação. Não foi encontrada literatura que indicasse que maior expressividade estaria associada a menor utilização de estratégias de *coping* adaptativas por parte dos adolescentes. No entanto, se no contexto familiar existir elevada expressividade e se os membros da família não utilizarem estratégias de *coping* adaptativas então esse tipo de estratégias não será expresso para o adolescente e assim poderá acontecer que ele não recorra a elas.

A última hipótese apresentada tinha como objetivo testar o efeito mediador das estratégias de *coping* na relação entre o ambiente familiar e a satisfação com a vida dos adolescentes. Os resultados vieram de encontro à hipótese proposta, uma vez que se confirmou o efeito mediador do *coping*. Os resultados mostram que existe um efeito de mediação entre o ambiente familiar e a satisfação com a vida, através das estratégias de *coping* adaptativas. As estratégias de *coping* desadaptativas não mostraram apresentar um papel mediador na relação entre o ambiente familiar e a satisfação com a vida. Se tivermos em conta os resultados analisados anteriormente, faz sentido que apenas o *coping* adaptativo tenha um papel mediador na relação referida, pois os resultados mostram que só as estratégias de *coping* adaptativas se encontram relacionadas significativamente com a satisfação com a vida. Apesar de a literatura apresentar estudos que indicam a influência das características do ambiente familiar na escolha do tipo de estratégias de *coping* utilizadas pelo adolescente, e de estas serem também preditores de adolescentes mais satisfeitos com as suas vidas, nenhum estudo até hoje tinha investigado de que forma o *coping* podia mediar a relação entre essas duas variáveis. Deste modo, o presente estudo contribui para preencher esta lacuna na literatura, mostrando que de facto o *coping* tem um papel mediador na relação entre o ambiente familiar e a satisfação com a vida na adolescência.

Relativamente à hipótese de existência de diferenças de sexo no modelo proposto, não foram encontradas diferenças entre rapazes e raparigas no padrão de relações entre as variáveis em estudo. Estes resultados são inconsistentes com estudos anteriores (Patterson

& McCubbin, 1987; Peterson, 1988; Phelps & Jarvis, 1994) que encontraram diferenças entre rapazes e raparigas no que se refere ao tipo de estratégias de *coping* utilizadas por cada um. No que diz respeito às diferenças no nível da satisfação com a vida, também não foram encontradas diferenças ao nível do sexo, na presente investigação. Também estes resultados vão contra estudos realizados anteriormente, como é o caso do estudo de Odaci e Çikrikçi (2012) que identificaram uma diferença significativa entre os resultados médios da satisfação com a vida e o sexo, numa amostra de estudantes universitários. No entanto, os resultados da presente investigação são consistentes com o estudo de Matheny et al. (2008) que não encontrou diferenças de sexo ao nível da satisfação com a vida em jovens estudantes, bem como trabalho de Odaci e Çikrikçi (2012), que também não observaram diferenças significativa entre o sexo dos alunos e os resultados médios para estratégias de *coping*.

Testou-se ainda, a hipótese do nível de escolaridade do adolescente moderar a relação entre ambiente familiar e satisfação com a vida. Os resultados indicaram diferenças de acordo com o nível de escolaridade em que o adolescente se encontra. Mais especificamente, foram encontradas diferenças entre o grupo dos alunos do 10º ano e o grupo dos alunos do 11º e 12º ano, ao nível da relação entre o conflito e a coesão com o *coping* desadaptativo. No que diz respeito à relação entre a coesão familiar e a utilização de estratégias de *coping* desadaptativas, os resultados mostram que esta relação é significativa para o grupo de alunos do 11º e 12º ano, não sendo significativa para o grupo de alunos do 10º ano. Isto indica que o grupo de alunos do 11º e 12º ano que experimentam níveis de coesão familiar elevados tendem a utilizar mais estratégias de *coping* desadaptativas, em comparação com o grupo do 10º ano. A relação entre o conflito familiar e a utilização de estratégias de *coping* desadaptativas mostrou ser significativa apenas para o grupo de alunos do 10º ano. Assim, este grupo de adolescentes perante conflito familiar vai recorrer a estratégias de *coping* desadaptativas. Rasmussen, Aber, e Bhana (2004) argumentaram que os adolescentes usam estratégias de *coping* para lidar com o stress de maneira diferente do que os adultos, devido às alterações cognitivas que experimentam. Williams e De Lisi (1999) relatam que as estratégias de *coping* tendem a variar com os avanços cognitivos, ou seja, que adolescentes mais velhos utilizam mais frequentemente estratégias de *coping* de resolução de problemas. Perante esta literatura pode-se afirmar que as diferenças no modelo devido ao nível de escolaridade do adolescente podem estar relacionadas com as diferentes capacidades cognitivas de cada um dos grupos. À luz destes autores faz sentido os resultados do presente estudo que indicam que os alunos do 10º ano, perante situações de conflito familiar, recorram a estratégias de *coping* desadaptativas, pois

podem ainda não ter capacidades cognitivas que lhes permitam ultrapassar o problema através de estratégias de *coping* adaptativas. No entanto, o facto do grupo do 11º e 12º utilizar recorrer mais frequentemente ao *coping* desadaptativo perante a coesão familiar não está de acordo com a literatura. Estes resultados podem dever-se ao facto de outras variáveis externas à família (e.g., amigos, desempenho académico), que podem influenciar nessa relação.

Assim, de uma forma geral, destaca-se como resultado mais relevante e inovador do presente estudo o facto de ter sido provado o papel mediador do *coping* na relação entre as dimensões do ambiente familiar e a satisfação com a vida. Das hipóteses propostas inicialmente, quase todas corresponderam com os resultados apresentados e com a literatura já existente. Exceção para o facto da expressividade familiar, pois contrariamente ao que era esperado esta encontra-se relacionada com as estratégias de *coping* adaptativas de forma negativa. Não foram encontradas diferenças ao nível do sexo, apenas ao nível da escolaridade entre os dois grupos.

Limitações do estudo

Podem ser apontadas algumas limitações na presente investigação. Em primeiro lugar o facto do presente estudo ser transversal não permite averiguar a causalidade, o que torna impossível identificar efeitos direccionais e coloca constrangimentos para testar os efeitos indirectos. No que se refere à recolha de dados, o facto de a amostra ter sido constituída apenas por participantes residentes na área metropolitana de Lisboa, e por isso não representativa da população portuguesa, constitui um impedimento à generalização dos resultados para a população portuguesa. O facto de o contexto de residência dos participantes ser exclusivamente urbano, pode constituir um impedimento para captar outros obstáculos que surjam na vida do adolescente e com os quais ele tem de lidar, diferentes dos que surgem em contexto mais rural, o que poderá ser um fator com influência nas estratégias de *coping* utilizadas pelo adolescente. É necessário, então, analisar o papel mediador do *coping* no modo como o ambiente familiar se relaciona com a satisfação com a vida dos adolescentes, em áreas mais ruralizadas do país, de forma a poder efectuar comparações.

Os resultados podem ainda ter sido enviesados por respostas de desejabilidade social (*faking good* e/ou *faking bad*), ou respostas ao acaso, uma vez que foram utilizados apenas questionários de autorrelato. Devido ao contexto de aplicação em sala de aula, em grupo, os participantes podem não ter investido no preenchimento do protocolo, existindo

ainda a hipótese de terem surgido dúvidas que não foram explicadas, por ausência de pedido de esclarecimento.

Futuramente será proveitoso realizar a mesma investigação com adolescentes noutros contextos familiares (famílias monoparentais, famílias reconstruídas). Apesar de nesta amostra existirem adolescentes de diferentes tipos de famílias, a grande maioria pertencia a famílias intactas. Seria importante analisar se o *coping* tem o mesmo efeito mediador em adolescentes nos diferentes tipos de famílias, uma vez que famílias monoparentais e reconstituídas passam por processos diferentes das famílias intactas e como tal os adolescentes estiveram expostos a diferentes problemáticas. Seria também benéfico para a literatura realizar-se a mesma investigação tendo outras variáveis como mediadores (e.g., apoio social, desempenho académico, satisfação com a vida na infância) da relação entre o ambiente familiar e a satisfação com a vida, de modo a perceber-se que outras variáveis podem ajudar a melhorar a satisfação com a vida do adolescente.

Relativamente a implicações clínicas, a presente investigação mostra a importância de se trabalhar com os adolescentes ao nível da utilização das estratégias de *coping*, uma vez que o tipo de estratégia de *coping* que utilizam será importante para se sentirem satisfeitos, ou não, com a sua vida. Pode também ser pertinente o trabalho clínico com as famílias, de modo a que beneficiassem de intervenção ao nível do aumento da coesão e proximidade entre os elementos da família, e de formas de diminuir o conflito familiar, de modo a tornar o contexto familiar um local para um melhor desenvolvimento do adolescente.

Bibliografia

- Aydin, B., & Oztütüncü, F. (2001). Examination of adolescents' negative thoughts, depressive mood, and family environment. *Adolescence*, 36(141), 77-83.
- Barnes, P. W., & Lightsey, O. R. (2005). Perceived racist discrimination, coping, stress, and life satisfaction. *Journal of Multicultural Counseling and Development*, 33(1), 48-61.
- Ben-Zur, H. (2000) Happy adolescents: the link between subjective well being, internal resources, and parental factors. *Journal of Youth and Adolescence*, 32 (2), 67–79.
- Bertalanffy, L. V. (1968). General system theory: Foundations, development, applications. London: Allen Lane
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The Ecology of Human Development: experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press.
- Bird, G. W., & Harris, R. L. (1990). A comparison of role strain and coping strategies by gender and family structure among early adolescents. *The Journal of Early Adolescence*, 10(2), 141-158.
- Burt, C. E., Cohen, L. H., & Bjorck, J. P. (1988). Perceived family environment as a moderator of young adolescents' life stress adjustment. *American Journal of Community Psychology*, 16(1), 101-122
- Byrne, B. M. (2009). *Structural equation modeling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming*. CRC Press.
- Carver, C. S., & Connor-Smith, J. (2010). Personality and coping. *Annual review of psychology*, 61, 679-704.
- Cenkseven-Önder, F. (2012). Parenting styles and life satisfaction of Turkish adolescents. *Educational Research and Reviews*, 7(26), 577-584.
- Chang, Y. (2011). Psychometric validity of the Problem-Focused Style of Coping scale: in relation to self-efficacy and life satisfaction among nursing staff in Taiwan. *Journal of advanced nursing*, 67(7), 1625-1631.
- Copeland, E. P., & Hess, R. S. (1995). Differences in young adolescents' coping strategies based on gender and ethnicity. *The Journal of Early Adolescence*, 15(2), 203-219.

- Crespo, C., & Francisco, R. (2011). *Coping & Resiliência* [adaptado de Youth Connectedness Project, Roy MckKenzie Centre for the Study of Families, NZ] (versão para investigação). Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa.
- DeNeve, K. M., & Cooper, H. (1998). The happy personality: a meta-analysis of 137 personality traits and subjective well-being. *Psychological Bulletin*, *124*(2), 197.
- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, *95*, 542-575.
- Diener, E., Suh, E. M., Lucas, R. E., & Smith, H. L. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, *125*(2), 276.
- Deniz, M. (2006). The relationships among *coping* with stress, life satisfaction, decision-making styles and decision self-esteem: An investigation with Turkish university students. *Social Behavior and Personality: an international journal*, *34*(9), 1161-1170.
- Deniz, M.E. & Isik E. (2010). Positive and negative affect, life satisfaction, and *coping* with stress by attachment styles in Turkish students. *Psychological Reports*, *107*(2), 480-490.
- Folkman, S., & Lazarus, R. S. (1980). An analysis of *coping* in a middle-aged community sample. *Journal of Health and Social Behavior*, 219-239.
- Gilman, R., & Huebner, E. S. (2006). Characteristics of adolescents who report very high life satisfaction. *Journal of Youth and Adolescence*, *35*(3), 293-301.
- Griffith, M. A., Dubow, E. F., & Ippolito, M. F. (2000). Developmental and cross-situational differences in adolescents' *coping* strategies. *Journal of Youth and Adolescence*, *29*(2), 183-204.
- Hamama, L., & Arazi, Y. (2012). Aggressive behaviour in at-risk children: contribution of subjective well-being and family cohesion. *Child & Family Social Work*, *17*(3), 284-295.
- Huebner, E. S., & Dew, T. (1996). The interrelationships of positive affect, negative affect, and life satisfaction in an adolescent sample. *Social Indicators Research*, *38*(2), 129-137.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). *Stress, appraisal, and coping*: New York, NY: Springer.
- Lohman, B. J., & Jarvis, P. A. (2000). Adolescent stressors, *coping* strategies, and psychological health studied in the family context. *Journal of youth and adolescence*, *29*(1), 15-43.
- Lu, L., & Shih, J. B. (1997). Sources of happiness: A qualitative approach. *The Journal of Social Psychology*, *137*(2), 181-187.

- MacCann, C., Fogarty, G. J., Zeidner, M., & Roberts, R. D. (2011). *Coping* mediates the relationship between emotional intelligence (EI) and academic achievement. *Contemporary Educational Psychology, 36*(1), 60-70.
- Matheny, K. B., Roque-Tovar, B., & Curlette, W. L. (2008). Perceived stress, *coping* resources, and life satisfaction among U. S. and Mexican college students: A cross-cultural study. *Anales De Psicología, 24*(1), 49-57,
- Matos, P. M., & Fontaine, A. M. (1992). Family Environment Scale. Adaptação portuguesa [Family Environment Scale – Portuguese version]. Unpublished manuscript, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- Neto, F. (2008). *Estudos de Psicologia Intercultural: Nós e outros*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Patterson, J. M., & McCubbin, H. I. (1987). Adolescent *coping* style and behaviors: Conceptualization and measurement. *Journal of adolescence, 10*(2), 163-186.
- Pavot, W., & Diener, E. (1993). Review of the satisfaction with life scale. *Psychological assessment, 5*(2), 164.
- Peterson, C., Seligman, M. E., & Vaillant, G. E. (1988). Pessimistic explanatory style is a risk factor for physical illness: a thirty-five-year longitudinal study. *Journal of Personality and Social Psychology, 55*(1), 23.
- Phelps, S. B., & Jarvis, P. A. (1994). *Coping* in adolescence: Empirical evidence for a theoretically based approach to assessing *coping*. *Journal of Youth and Adolescence, 23*(3), 359-371.
- Povedano, A., Hendry, L. B., Ramos, M. J., & Varela, R. (2011). Victimization escolar: clima familiar, autoestima y satisfacción con la vida desde una perspectiva de género. *Intervención Psicosocial: Revista sobre Igualdad y Calidad de Vida, 20*(1), 5-12.
- Rasmussen, A., Aber, M. S., & Bhana, A. (2004). Adolescent *coping* and neighborhood violence: perceptions, exposure, and urban youths' efforts to deal with danger. *American Journal of Community Psychology, 33*(1-2), 61-75.
- Rosenfield, S. (1992). Factors contributing to the subjective quality of life of the chronic mentally ill. *Journal of Health and Social Behavior, 299*-315.
- Roth, S., & Cohen, L. J. (1986). Approach, avoidance, and *coping* with stress. *American Psychologist, 41*(7), 813.

- Seiffge-Krenke, I. (1995). *Stress, Coping, and Relationships in Adolescence*, Lawrence Erlbaum Associates, Mahwah, NJ.
- Shek, D. T. L. (1997). The relation of family functioning to adolescent psychological well-being, school adjustment, and problem behavior. *The Journal of Genetic Psychology*, 158, 467-684.
- Shek, D. T. (2002). Family functioning and psychological well-being, school adjustment, and problem behavior in Chinese adolescents with and without economic disadvantage. *The Journal of Genetic Psychology*, 163(4), 497-502.
- Simmons, R. G., Burgeson, R., Carlton-Ford, S., & Blyth, D. A. (1987). The impact of cumulative change in early adolescence. *Child Development*, 1220-1234.
- Stern, M., & Zevon, M. A. (1990). Stress, Coping, and Family Environment The Adolescent's Response to Naturally Occurring Stressors. *Journal of Adolescent Research*, 5(3), 290-305.
- Suldo, S. M., & Huebner E. (2006). Is Extremely High Life Satisfaction during Adolescence Advantageous? *Social Indicators Research*, 78(2), 179-203.
- Suldo, S. M., Shaunessy, E., & Hardesty, R. (2008). Relationships among stress, coping, and mental health in high-achieving high school students. *Psychology in the Schools*, 45(4), 273-290.
- Susman, E. J., Dorn, L. D., & Schiefelbein, V. L. (2003). Puberty, sexuality, and health. In R. M. Lerner, M. Easterbooks, J. Mystery (Eds.), *Handbook of Psychology: Developmental Psychology*, Vol. 6 (pp. 295-324). Hoboken, NJ US: John Wiley & Sons Inc.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L. S. (2001). Cleaning up your act: screening data prior to analysis. *Using Multivariate Statistics*, 5, 61-116.
- Welbourne, J. L., Eggerth, D., Hartley, T. A., Andrew, M. E., & Sanchez, F. (2007). Coping strategies in the workplace: Relationships with attributional style and job satisfaction. *Journal of Vocational Behavior*, 70(2), 312-325.
- Williams, K., & McGillicuddy-De Lisi, A. (1999). Coping strategies in adolescents. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 20(4), 537-549.